

## #IdeologiaDeGênero: origens eclesiásticas e novas elaborações digitais

### RESUMO

**Soraya Ayumi Tory**

E-mail: sorayatory@gmail.com  
Universidade Estadual de Maringá,  
Maringá, Paraná, Brasil.

**João Paulo Baliscei**

E-mail: vjbaliste@gmail.com  
Universidade Estadual de Maringá,  
Maringá, Paraná, Brasil.

Quais as relações entre as origens da expressão “ideologia de gênero” e seu emprego contemporâneo em *hashtags* no Twitter? A partir de uma abordagem bibliográfica e documental, este estudo se propôs a investigar as relações entre as noções originais da expressão “ideologia de gênero” e o emprego contemporâneo atribuído por *hashtags* no Twitter. Para tal, analisaram-se os conteúdos imagéticos associadas à *hashtag* #ideologiadegenero, no Twitter, entre os dias 28 e 29 de agosto de 2019. Justificamos a escolha dessa data pela ocasião do Mês da Visibilidade Lésbica. Os Estudos de Gênero e os Estudos da Cultura Visual forneceram amparo metodológico e epistemológico para a realização desta proposta, possibilitando a ampliação das discussões sobre a expressão “ideologia de gênero” e o pensamento sobre constâncias e renovações no discurso antigênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos de Gênero. Cultura Visual. Redes Sociais. Ideologia de Gênero.

## INTRODUÇÃO

A pluralidade de situações em que a expressão “ideologia de gênero”<sup>1</sup> tem sido utilizada nos últimos anos pode gerar dúvidas quanto ao seu significado, uma vez que raramente são dadas explicações teórico-científicas àquilo que “ideologia de gênero” significa, e seus enunciados giram em torno de pensamentos construídos por fundamentos predominantemente cristãos. Não faltam exemplos do emprego dessa expressão e suas variantes nos mais diferentes contextos e pelos mais diversos sujeitos.

Neste sentido, podemos mencionar o cancelamento<sup>2</sup> da exposição *Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira*, em Porto Alegre -RS, em 2017, após protestos que alegaram a exibição de obras cujo conteúdo supostamente propagaria a zoofilia, a pedofilia, o incesto e a homossexualidade, todos frutos da “ideologia de gênero”. Citamos também a polêmica gerada pela frase “menino veste azul e menina veste rosa” pronunciada pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damarens Alves em 2018.

Outros casos são músicas identificadas como do gênero gospel cujas letras se propõem a combater a “ideologia de gênero”. Os versos da música *Nosso gênero vem de Deus*, do TRIO R3 e *Deixem as crianças em paz*, de Guilherme Zamba, por exemplo, indicam que “Nosso gênero vem de Deus e não pode ser mudado” e que “‘Ideologia de gênero’ é o nome que se dá para sexualizar a criança e manipular”, respectivamente.

No segundo semestre de 2019, o tema apareceu uma outra vez devido ao recolhimento de apostilas de ciência oferecidas pela rede estadual de educação de São Paulo, ordenado pelo governador João Doria, sob a justificativa de que o conteúdo desses livros didáticos faria apologia à “ideologia de gênero”.

Diante das várias menções à “ideologia de gênero” e de dúvidas relativas às origens e ao conteúdo conceitual dessa expressão, propomo-nos, neste estudo, não somente retomar a constituição dessa expressão, como também analisar seu uso atual nas redes sociais, especificamente no Twitter. O fazemos pois vários dos acontecimentos supracitados foram largamente compartilhados nessa plataforma, gerando comentários e também definições próprias por parte dos/as usuários/as sobre o que seria a “ideologia de gênero”.

Perguntamos, então: quais as relações entre as origens da expressão “ideologia de gênero” e seu emprego contemporâneo em *hashtags* no Twitter? Para além da brevidade dos *tweets*, outra característica marcante dessa rede social são as *hashtags*, simbolizadas pelo caractere “#”. As *hashtags* tendem a ser utilizadas antes de palavras-chave e funcionam tanto como tópicos, quanto como acervos, facilitando a busca sobre conteúdos específicos.

Assim, estabelecemos como objetivo investigar as relações entre as noções originais da expressão “ideologia de gênero” e os significados contemporâneos que lhe são atribuídos por *hashtags* no Twitter. Para tal, propomos a análise do conteúdo de *tweets* que estejam marcados pelo uso da hashtag #ideologiadegenero, relacionada a conteúdos imagéticos, em português, entre os dias 28 e 29 de agosto de 2019. Justificamos este recorte temporal pela ocasião do Mês da Visibilidade Lésbica, celebrado no Brasil em função do 1º Seminário Nacional de Lésbicas que ocorreu em 29 de agosto de 1996.

Pontuamos que diversas datas históricas ou comemorativas são lembradas contemporaneamente nas redes sociais e, com isso, levantam discussões em torno das conquistas, das lutas e/ou dos significados que apoiam a diferenciação de um dia, semana ou mês específico. Logo, neste estudo, optamos por investigar postagens realizadas no Mês da Visibilidade Lésbica ao considerarmos a frequente associação feita entre a “ideologia de gênero” e o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queers*, Intersexuais e Assexuais (LGBTQTIA+), demonstrada em situações já citadas.

Tomamos os Estudos da Cultura Visual e os Estudos de Gênero como campos de fundamentação e investigação para desenvolver aquilo que Antônio Joaquim Severino (2007) denomina de pesquisa bibliográfica, uma vez que, para a elaboração de nossa escrita, partimos de registros e dados teóricos pré-existentes. Posteriormente, utilizamos também da modalidade metodológica que esse mesmo autor caracteriza como documental, o que significa que adotamos documentos como fonte de pesquisa, entendidos aqui no sentido mais amplo da palavra - que para nós abarca especificamente o uso de *tweets* como elemento de análise.

Nos dedicamos a este estudo pois concordamos com a afirmativa de Guacira Lopes Louro (2008, p. 21) de que “[...] a luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados”. Tendo em vista o espaço e o destaque que a “ideologia de gênero” tem adquirido na atualidade, consideramos que seja tanto necessário trazer à tona o histórico dessa expressão, quanto potente para que possamos nos confrontar não somente com casos isolados de denúncia à “ideologia de gênero”, mas, também, com as fundamentações teóricas que dão amparo a esse discurso e que muitas vezes não são propriamente referenciadas.

### “IDEOLOGIA DE GÊNERO”: ORIGENS ECLESIAÍSTICAS

Em 2019, ocorreu a 63ª Sessão da Comissão sobre a Situação das Mulheres - CSW realizada pela Organização das Nações Unidas - ONU. Dentre os diversos painéis e diálogos da CSW63, destacamos o encontro nomeado “Igualdade de gênero e ideologia de gênero: protegendo mulheres e meninas”, promovido pela Sé Apostólica junto à instituição *Heritage Foundation*. O painel se propunha a analisar como a “ideologia de gênero” estaria afetando as conquistas de mulheres e meninas no que concerne à igualdade de gênero.

Noticiado pelo *Vatican News* (2019), serviço oficial de comunicação da Sé Apostólica, o destaque do painel foi o discurso do Arcebispo Bernardito Auza, Observador Permanente da Santa Sé na ONU. Segundo o bispo, a “ideologia de gênero” teria corroído a nitidez na compreensão do que significa ser uma mulher, lançando a hipótese de uma identidade individual sem ligação com o sexo biológico. Em referência ao Papa Francisco, Auza citou o 56º parágrafo da *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia*:

Outro desafio surge de várias formas numa ideologia genericamente chamada *gender*, que nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. [...]. Esta ideologia leva a projectos educativos e directrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afectiva

radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher (FRANCISCO, 2016, p. 48).

Esse debate em contextos dogmático-religiosos, somado aos exemplos supracitados na introdução, denota que perspectivas conservadoras em torno da expressão “ideologia de gênero” já não nos são estranhas - e aqui nos referimos não a uma suposta aceitação ao seu conteúdo, mas sim a sua repetição em diversos contextos.

Rogério Diniz Junqueira (2018) ressalta que mundialmente uma agenda antigênero tem sido pautada por uma diversidade de denominações religiosas e não raro também por grupos laicos. Segundo o autor, na América Latina, a presença do ativismo religioso de igrejas evangélicas neopentecostais merece destaque. No entanto, os alicerces originários da expressão e da significação da “ideologia de gênero” não se encontram nas igrejas evangélicas neopentecostais. Há um determinado consenso entre os/as estudiosos/as do tema que aponta para a esfera católica das décadas de 1990 e 2000 como o ambiente de formulação e emersão dessa expressão.

Remontamos que a cúpula católica passou a direcionar mais intensamente sua atenção a uma retomada moral de questões da ordem social e sexual em resposta às discussões internacionais promovidas pela ONU. Diante de tal contexto, segundo Junqueira (2018), dois livros podem ser postos como fundamentais à elaboração antigênero: *Who Stole Feminism? How Women Have Betrayed Women*, de 1994, de Christina Hoff Sommers e *The Gender Agenda: Redefining Equality*, de 1997, de Dale O’Leary.

Em sua publicação, O’Leary (1997), integrante da Opus Dei, relatou de modo testemunhal uma série de conferências da ONU. A escritora argumenta que por meio da substituição sutil da palavra “sexo” por “gênero”, militantes feministas teriam como objetivo promover uma ideologia que destruiria as famílias, instigaria a liberação sexual, a legalização do aborto, a homossexualidade e o “lesbianismo”<sup>3</sup>. Tal “ideologia feminista de gênero” estaria propondo, assim, a negação veemente da diferença dos sexos, da predestinação feminina à maternidade, da “complementaridade integral” entre homens e mulheres e da “natureza humana”.

Segundo Luis Felipe Miguel (2016), diante dos questionamentos do feminismo e da teoria *queer* à naturalidade dos papéis sociais normativamente vinculados a mulheres e homens, decorrentes da presença de um ou outro sexo, a Santa Sé viu preceitos de sua doutrina ameaçados e se posicionou de modo a reforçar sua autoridade moral e política. Nesse momento, buscando preservar a relevância de seus dogmas em um cenário de secularização, a igreja católica faz oposição direta ao discurso e à luta política por direitos dos movimentos LBTTQIA+ e feministas utilizando-se de uma retórica ancorada na fé e em valores morais.

No entanto, até 2011 as citações à “teoria/ideologia de gênero” ocorreram no universo católico de modo modesto e pontual. É foi só em 2012 que ocorreu uma espécie de momento de eclosão, estruturação e reanimação de uma movimentação contra a “ideologia de gênero”. Junqueira (2018) atribui isso ao discurso de Bento XVI à Cúria Romana em função do natal. Repercutido em nível transnacional, o pronunciamento foi visto como uma ratificação do Santo Padre católico a noções e ideias que ainda hoje rondam a palavra “gênero”, no que se refere ao seu uso em formulações antigênero.

A partir disso, um entendimento caricato passou a ser anexado ao termo “gênero” e sua contestação enquanto “teoria” foi fundamentada principalmente em princípios católicos. Posto de outro modo, uma vez que o saber sobre os seres humanos é tomado como da ordem do transcendental, da criação bíblica e, portanto, do dogma, argumentar que é da “[...] essência da criatura humana ter sido criada por Deus como homem ou como mulher” seria o suficiente para atestar “[...] a profunda falsidade desta teoria [de gênero] e da revolução antropológica que lhe está subjacente” (BENTO XVI, 2012, p. 3).

Em fevereiro de 2013, Bento XVI renunciou ao papado e foi sucedido por Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, atual pontífice. Assim, após pontuarmos a constituição histórica do discurso antigênero e, principalmente, da elaboração da “ideologia de gênero”, podemos ter um entendimento mais sofisticado não somente sobre o posicionamento de Francisco na *Amoris Laetitia* e em outras declarações, como também, e sobretudo, da fundamentação e argumentação que suspeitamos sustentar a retórica antigênero e o emprego da expressão “ideologia de gênero”, atualmente.

Apesar de a expressão “ideologia de gênero” ter sido construída no âmbito de uma crítica aos estudos feministas e de gênero, essa expressão despreza de tal modo as conceituações e ideias formuladas por esses campos de investigação, que sua integridade fica extremamente frágil se confrontada com crivo científico. No entanto, identificamos que, até hoje, essa expressão tem tido certo êxito político em achatar e adulterar as ideias científicas que embasaram a sua teorização.

Dito isso, ponderamos que é possível que os significados atribuídos à “ideologia de gênero” jamais tenham sido mais amplos, apesar de incoerentes do ponto de vista científico. Fazemos tal colocação tendo em vista a frequência com que essa expressão é utilizada contemporaneamente. Supomos que a disseminação de novas tecnologias de comunicação tem, de certa forma, contribuído para a popularização (e a distorção) da expressão “ideologia de gênero” e, por esta razão, escolhemos uma rede social como campo de investigação sobre os sentidos dados à “ideologia de gênero” em nosso tempo e as relações de tais sentidos com as noções originárias dessa expressão.

## #IDEOLOGIADEGÊNERO NAS REDES SOCIAIS

De acordo com Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy (2011), o Twitter possui o formato de microblogue e foca principalmente no compartilhamento de publicações curtas sendo, a maioria dessas, focadas na rotina diária de seus e suas usuárias. Assim, no sentido de investigar como os discursos acerca da “ideologia de gênero” têm sido elaborados e difundidos no Twitter, adotamos como filtro para nossa busca a *hashtag* #ideologiadegenero, associada a conteúdos imagéticos, em português, e publicados entre os dias 28 e 29 de agosto de 2019.

Neste recorte, privilegiamos a análise de conteúdos visuais ao considerarmos que, até o momento, investigamos a constituição da “ideologia de gênero” apenas por meio da linguagem letrada que, por suas características, produz significados por vias distintas daquelas produzidas pelas redes sociais. Então, em virtude da profusão de imagens que é tão característica das novas mídias e da nossa sociedade, constatamos a necessidade de pensar o discurso antigênero também em termos de visualidades.

Recorremos aos Estudos da Cultura Visual como amparo para a problematização das visualidades que encontramos. Segundo Fernando Hernández (2007), os Estudos da Cultura Visual nos convidam a colocar no centro do debate sobre imagens as relações que se dão entre as posições subjetivas do olhar e as práticas sociais e culturais que atravessam nosso contato com os artefatos visuais. Em outra pesquisa (BALISCEI, 2020), por exemplo, recorremos a esse campo de investigação para problematizar as maneiras como as animações da Disney têm contribuído para a construção de masculinidades pouco complexas e estereotipadas. Ao analisarmos a construção visual de 20 personagens masculinos - heróis, vilões e coadjuvantes-, destacamos que as animações, como artefatos da cultura visual, operam para a valorização da agressividade, coragem e heterossexuais como características masculinas, ao passo que repreende outras, como a sensibilidade, a expressão de afetos e o medo.

Diante disso, nosso entendimento é de que os Estudos da Cultura Visual nos desafiam a investigar e a questionar as imagens que nos rodeiam bem como as representações e narrativas que nos são propostas por elas, sendo, portanto, uma trama teórica e metodológica pertinente para a problematização dos conteúdos produzidos nas redes sociais.

A partir da delimitação especificada, encontramos três *tweets*: um publicado às 1:08PM, outro às 7:54PM e o último às 8:32PM, todos no dia 28 de agosto de 2019. A fim de desenvolver um olhar crítico e aprofundar nossas interpretações sobre as imagens utilizadas nas publicações, como defendido por Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011), optamos por reduzir o número de publicações analisadas. Logo, decidimos não examinar o *tweet* feito às 8:32PM, uma vez que ele continha uma imagem *GIF*. No Twitter, as figuras publicadas em tal formato habitualmente derivam de um banco de imagens oferecido pela própria rede social, portanto, com o propósito de dar preferência para a interpretação de imagens advindas de fontes exteriores, essa postagem não foi investigada por nós.

Por consequência, nossa análise se restringiu a dois *tweets*. Sublinhamos que a investigação dessas duas publicações não esgota os significados, interpretações e saberes produzidos acerca da expressão “ideologia de gênero” na esfera das redes sociais. Pelo contrário, identificamos a necessidade de realização de outras pesquisas que contemplem as ressonâncias do discurso conservador antigênero em plataformas digitais, uma vez que reconhecemos nos artefatos analisados interpretações que rompem fronteiras entre religião, tecnologias de informação e ciência e provocam enunciados afetos à educação escolar.

O *tweet* publicado às 1:08 PM (Figura 1) tem em seu texto uma crítica ao governo de Carlos Moisés, político filiado ao Partido Social Liberal – PSL, que se elegeu governador por Santa Catarina, em 2018. O/A autor/a da postagem afirma: “não foi para ter #IdeologiaDeGênero nas escolas que eu votei em você @CarlosMoises” (É..., 2019, *on-line*), e em seguida pede esclarecimentos sobre a reportagem incluída em sua publicação. A matéria anexada tem como título *Governo de Santa Catarina inclui “Identidade de Gênero” em currículo de educação para crianças e adolescentes*<sup>14</sup> e foi veiculada pelo portal Terça Livre (2019). O assunto é a homologação do *Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense* com a inclusão de um tópico referente ao estudo dos mecanismos reprodutivos e da sexualidade. A polêmica viria principalmente da inclusão do conteúdo “identidade de gênero” ao documento, como é evidenciado pela manchete.

Figura 1: Tweet publicado às 1:08 PM



1:08 PM · 28 de ago de 2019 · Twitter Web App

Fonte: Disponível em:

<[https://twitter.com/search?q=\(%23ideologiadeg%C3%AAnero\)%20lang%3Apt%20until%3A2019-08-29%20since%3A2019-08-28&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=(%23ideologiadeg%C3%AAnero)%20lang%3Apt%20until%3A2019-08-29%20since%3A2019-08-28&src=typed_query)>. Acesso em: 12 de mai. 2020.

O destaque dado à esfera da sexualidade e do gênero é reforçado pela imagem que se liga à notícia e pode ser visualizada no *tweet*. Sobre um fundo verde escuro com marcas brancas que lembram a textura de um quadro escolar marcado pelo apagador, podemos ver um par de tênis vermelho. Desse par de tênis despontam quatro flechas que se dirigem para quatro símbolos distintos: 1) uma intersecção entre o espelho de Vênus e o escudo de Marte - ícones que, unidos, representam a heterossexualidade; 2) um espelho de Vênus duplo - representante da sexualidade lésbica; 3) um o escudo de Marte duplo - ícone da homossexualidade masculina; e por último, 4) uma combinação entre o espelho de Vênus e o escudo de Marte - símbolo conhecido por representar a transgeneridade.

A partir dos Estudos da Cultura Visual nos sentimos incentivados a tomar essa imagem não apenas a partir de suas camadas estéticas e compositivas, mas também a pensá-la como artefato pedagógico cujas dimensões plásticas

constituem enunciados específicos. A escolha por um modelo de tênis frequentemente utilizado por mulheres e por homens, por exemplo, assim como um enquadramento que oculta quaisquer outros elementos do sujeito retratado acabam por marcar uma indeterminação em relação ao gênero dessa pessoa. Quem é o ou a retratada? Do mesmo modo, consideramos que a cor vermelha em destaque no par de tênis propõe intencionalmente a indistinção sobre se ele pertence a uma mulher, a um homem ou, ainda, a outro/a.

Reconhecemos nesse *tweet* uma ideia sobre a “ideologia de gênero” semelhante àquela já identificada no discurso do Papa Francisco (2016). Tal concepção presume que, com o apoio de projetos educativos e legislativos, uma “ideologia” estaria sendo implantada nas escolas na forma de um pensamento único, a fim de desvincular características que seriam “naturais” e “biológicas” à mulher e ao homem de suas identidades e sexualidades. Tanto as setas que emanam do par de tênis quanto os quatro símbolos para os quais essas setas apontam apresentam características gráficas similares à escrita de um giz branco escolar sobre um quadro negro, como a textura e a cor. Esses elementos, além de remeterem à instituição escolar como um todo, também apontam mais diretamente para a figura do/a professor/a - uma vez que tanto o giz como o quadro negro são materiais manipulados principalmente por essas/es profissionais.

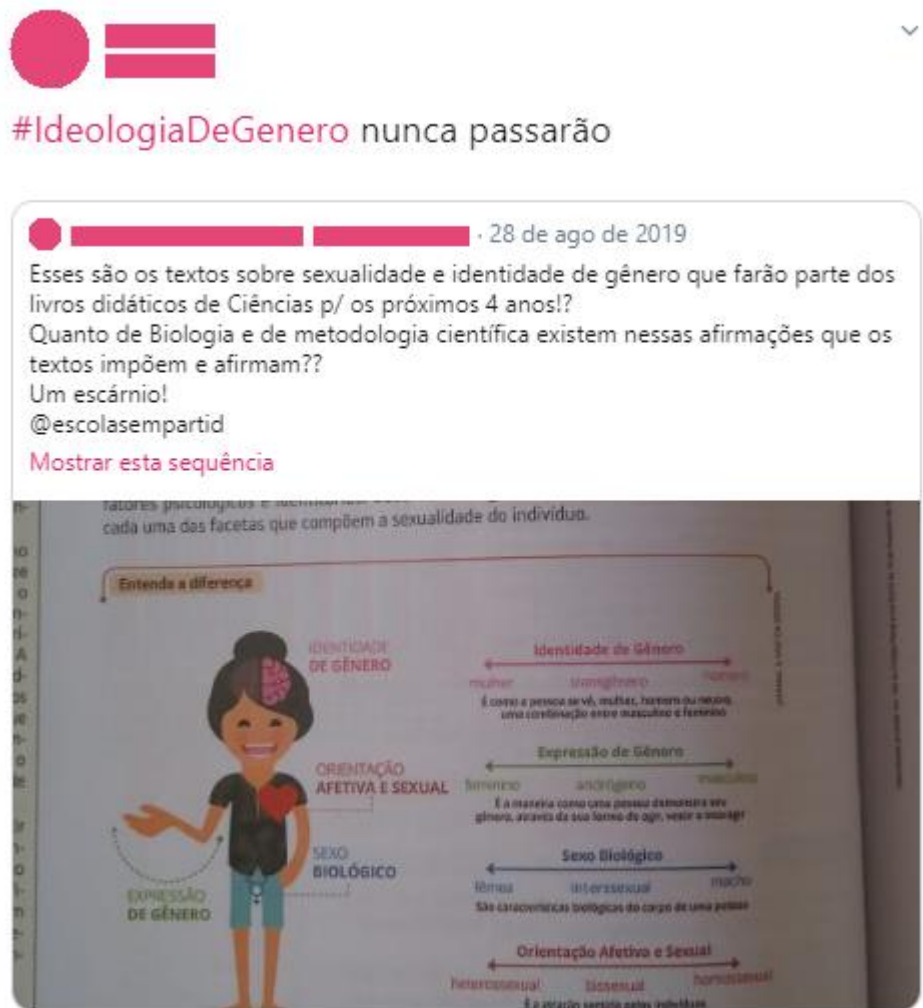
Interpretamos que as setas e os ícones desenhados e que fazem alusão à heterossexualidade, à homossexualidade lésbica e *gay* e à transexualidade, respectivamente, nessa configuração, podem levantar a ideia de que educadores/as “ensinam” ou “orientam” jovens em direção a determinadas formas de se viver as sexualidades e os gêneros. A inercia manifestada pelo sujeito de tênis vermelho é confrontada em uma encruzilhada em que os caminhos aparentam não terem sido desenhados pelo mesmo; pelo contrário, parecem ter sido traçados na materialidade artificial e efêmera do giz por um/a outro/a, sendo esse/a, possivelmente, o/a professor/a.

Transparece no *tweet* comentado e na fala do Papa uma preocupação específica com a instituição escolar. Em vista disso, lembramos que uma polêmica similar à da reportagem anexada já havia acarretado a exclusão dos temas de identidade de gênero e sexualidade do Plano Nacional de Educação - PNE, bem como também a retirada de todas as menções a “identidade de gênero” e “orientação sexual” da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Um sentimento generalizado de alarme e indignação é despertado diante do pensamento de que professoras/es “ideólogas/os” intencionam ensinar “gênero” nas escolas e, em especulações mais exageradas e não fundamentadas, de que estariam “iniciando” as crianças à prática sexual e “transformando-as” em *gays*, lésbicas e transsexuais.

Às 7:54 PM, em diálogo com a preocupação já exposta, de que a “ideologia de gênero” estaria invadindo o espaço escolar, uma postagem foi *retweetada* com o seguinte comentário: “#IdeologiaDeGenero nunca passarão [sic]” (#IDEOLOGIADEGENERO..., 2019, *on-line*). O *tweet* compartilhado tem em anexo a imagem de um livro didático aberto em uma página cujo tópico é a “sexualidade humana”. Abaixo, há uma definição de sexualidade fundamentada pela Organização Mundial da Saúde - OMS que, em suma, afirma que esse tema não se restringe à visão biológica, e que a sexualidade influencia e é influenciada por outros aspectos da vida.



Figura 2: Tweet publicado às 7:54 PM



7:54 PM · 28 de ago de 2019 · Twitter for Android

Fonte: Disponível em:

<[https://twitter.com/search?q=\(%23ideologiadeg%C3%AAnero\)%20lang%3Apt%20until%3A2019-08-29%20since%3A2019-08-28&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=(%23ideologiadeg%C3%AAnero)%20lang%3Apt%20until%3A2019-08-29%20since%3A2019-08-28&src=typed_query)>. Acesso em: 12 de mai. 2020.

Em seguida, sob o subtítulo de “Busca de identidade sexual e social”, um infográfico é apresentado como informativo sobre as “facetas que compõem a sexualidade do indivíduo”. A partir da ilustração de uma garota, o infográfico liga “identidade de gênero” ao desenho de um cérebro; “orientação afetiva e sexual” à figura de um coração; “expressão de gênero” a um braço estendido; e “sexo biológico” à região pélvica da personagem. Ao lado, os termos citados são brevemente explicados e relacionados individualmente a uma linha marcada por nomeações em três pontos, no meio e nas extremidades. O conceito “identidade de gênero” é representado pela sequência mulher-transgênero-homem; “expressão de gênero” é representada pela sequência feminino-andrógomo-masculino; “sexo biológico” traz a sequência fêmea-intersexual-macho; e “orientação afetiva e sexual” é ilustrada pela sequência heterossexual-bissexual-homossexual. Mais adiante abordamos nossa discordância com tal sistematização.

Subsequente ao infográfico, há um texto afirmando que muitas pessoas podem não se sentir representadas pelas colocações esquematizadas, visto a complexidade da sexualidade humana. Por fim, apesar do corte da página em função da fotografia postada, podemos visualizar a indicação de duas referências - uma ao site do Observatório G, portal ligado à rede UOL dedicado a informações e opiniões acerca do universo LGBTTQIA+; e a outra ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, vinculado à Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Acima da imagem do livro didático, fazendo uso da ironia, o/a autor/a do *tweet* questiona: “quanto de Biologia e de metodologia científica existem nessas afirmações que os textos impõem e afirmam?? Um escárnio! @escolasempartid” (ESSES..., 2019, *on-line*). Analisamos que essa associação entre a “ideologia de gênero” e a biologia em termos de intrínseca incompatibilidade pode ser observada em vários textos de cunho antigênero aqui expostos.

Em geral, nos escritos até aqui tratados, o entendimento do que é biológico se aproxima da ideia de natureza humana que, por sua vez, se liga a preceitos religiosos cristãos. Como sublinhado por Junqueira (2018, p. 459), o discurso antigênero “tenta revestir de teor científico a polêmica que promove” atribuindo aos estudos rotulados como “ideologia de gênero” a ideia de “não científicos” e de contraditos pela biologia. Assim, na Figura 2, interpretamos que a descrença de que haja fundamentação científica nos conteúdos propostos pelo material didático e a associação desse mesmo material com a “ideologia de gênero” demonstram uma característica recorrente do discurso antigênero: a convicção de que a ciência e a biologia se alinham sem atritos a dogmas cristãos no que diz respeito ao gênero e sexualidade.

Tal convicção e busca por respaldo, conforme Louro (2000), se ancora na ideia de que a biologia seria imutável, a-histórica e escaparia da cultura. Indo na contramão desse determinismo, a autora defende que é justamente na cultura que os indivíduos aprendem comportamentos e atitudes que em um determinado contexto são tidos como adequados para manifestar suas pulsões, afetos e desejos sexuais, sendo generalizada a crítica à redução das sexualidades somente ao âmbito biológico.

Nesse sentido, reconhecendo a complexidade e a multiplicidade das identidades e das sexualidades, avaliamos ser necessário chamar atenção para limitações trazidas pelo material criticado no *tweet* acima expressando a discordância anunciada anteriormente. Por mais que tenham sido ilustrados na forma de espectros e tenham sua insuficiência vocalizada em seguida, os esquemas representativos dos conceitos de “identidade de gênero”, “expressão de gênero”, “sexo biológico” e “orientação afetiva e sexual” estão suscetíveis a diversas problematizações. Dentre exclusões, escolhas por determinados termos e não outros e por uma determinada organização e não outra, levantamos questões principalmente sobre a representação do espectro da “identidade de gênero” pela sequência mulher-transgênero-homem.

É equivocada a ideia de que uma identidade trans se colocaria entre um par mulher-homem. Como sustentado por Jaqueline Gomes de Jesus (2012), o contraste mais adequado a uma identidade transgênera é uma identidade cisgênera. A identidade cisgênera corresponde aos indivíduos que se reconhecem com o gênero que lhes foi referido ao nascimento. Já a identidade transgênera indica, conforme a autora, aqueles sujeitos que não se identificam com o gênero

que lhes foi atribuído no nascimento ou antes disso. Salvo resguardas e outras identificações, uma pessoa de identidade transgênera não estaria entre as identidades de mulher e homem, presumidamente cisgêneras, propostas no esquema analisado.

Por fim, comentamos a menção no *tweet* compartilhado ao perfil oficial do movimento Escola Sem Partido (@escolasempartid). Essa organização se auto apresenta como “[...] uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras [...]”<sup>19</sup>. Em seu *site* oficial, o Escola Sem Partido indica: “Se você ou seu filho foi ou está sendo vítima de algum militante disfarçado de professor, denuncie”<sup>4</sup>. Portanto, consideramos que a referência à página desse movimento na publicação predita visa, principalmente, levantar uma acusação e queixa sobre o material didático fotografado, por considerá-lo contaminado por “ideologia”.

Retomamos que ambos os *tweets* analisados por nós remetem, inevitavelmente, a um episódio que citamos anteriormente, na introdução deste texto: o recolhimento de livros didáticos da rede estadual de São Paulo ordenado pelo governador João Doria. Louro (2008, p. 21) infere que em um contexto de desestabilização de certezas solidificadas “setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques”, logo relembramos esse episódio a fim de ilustrar a gravidade da cruzada contra a “ideologia de gênero” que se coloca em curso no Brasil. O primeiro *tweet* aqui estudado trata também de cobrar ações contra essa “ideologia” de um líder político e o segundo, semelhantemente, traz a denúncia à “ideologia de gênero” presente em um livro didático. Em todos esses casos, a educação é o principal alvo de preocupação.

Apesar dessas acusações, quando nos voltamos para as pesquisas que investigam as maneiras como as questões de gênero e de sexualidade são abordadas e problematizadas pelos currículos e agentes escolares, deparamo-nos com resultados que sublinham o contrário: se não a ausência, pelo menos certa insuficiência de abordagens pedagógicas que contemplem questões de gênero e sexualidade. Rubenilson Pereira de Araujo (2016, p. 15), por exemplo, destaca:

Infelizmente, o que temos presenciado ao longo dos anos é uma ausência em nossos currículos escolares referente à temática homossexual ou sobre questões diversas relacionada às (homo)sexualidades, como se nossos alunos fossem todos heterossexuais.

A isso podemos somar a pesquisa de Luciana Borre Nunes (2015), quem verifica que apesar de os/as professores/as se mostrarem orgulhosos/as ao afirmarem que contemplam a interculturalidade e a diversidade em suas abordagens pedagógicas, reagiram com estranhamento à artefatos culturais, tais como literaturas infantis, que apresentam temas mais inclusivos no que diz respeito às sexualidades e aos gêneros, como a configuração familiar formada por dois pais e o protagonismo desempenhado por uma personagem transexual. As reações de estranhamento indicam que o assunto não é conhecido e debatido mesmo entre os/as professores/as e sinalizam a necessidade de promover formações docentes que provoquem o debate sobre questões de gênero e sexualidade. Semelhante a Araujo (2016), Nunes (2015, p. 119) também infere que a escola, em geral “[...] nega ou silencia questões ligadas à homossexualidade, à

vivência sexual, aos inúmeros arranjos familiares existentes e à pluralidade de relações”.

A heterossexualidade e a cisgenereidade, por sua vez, são tomadas como normas absolutas e inquestionáveis; como se fossem as únicas identidades sobre as quais os alunos e alunas pudessem saber, já que são as únicas com as quais eles e elas podem se identificar. Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) exemplifica a normatividade cis e hétero com a ilustração presente na capa da cartilha *Caminho Suave*, material didático popular às escolas e estudantes brasileiros/as, sobretudo, na segunda metade do século XX. A ilustração de um casal heterossexual branco reiterava não só padrões de branquidade, como também “da norma cisgênera heterossexual e informava a mim e a outras crianças pobres, negras e/ou Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), que nossa caminhada dentro da escola não seria assim tão suave”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, no que se relaciona à nossa questão sobre quais as relações entre as origens da “ideologia de gênero” e seu emprego contemporâneo em *hashtags* no Twitter, consideramos que o discurso que formula e se opõe à “ideologia de gênero”, indubitavelmente, se renovou nas redes sociais em relação ao que remontamos serem as origens de sua fundamentação. Os principais atores e atrizes que enunciam a “ideologia de gênero” são outros/as, bem como também são outras as principais plataformas e mídias que veiculam esse enunciado.

Como já relacionamos ao retomar as noções originais da expressão estudada, um ideal específico de “natureza humana” de origem religiosa se mantém pressuposto nas investidas ao que é rotulado como “ideologia de gênero”. Logo, percebemos nas reivindicações de movimentos e discursos antigênero a expectativa de que a escola, professores e professoras prestem manutenção a hegemonia de determinadas concepções de gênero e sexualidade fundadas em dogmas religiosos. Constatamos que uma certa moralidade ancorada em uma naturalização de princípios religiosos perpassa até hoje as expressões antigênero e volta sua atenção principalmente para a instituição escolar. Por fim, salientamos que tratamos aqui de um movimento político e discursivo que nos é contemporâneo, e nesse sentido, tanto a ideia de “ideologia de gênero”, quanto a argumentação usada para condená-la estão em constante reformulação.

## #IdeologiaDeGênero [#GenderIdeology]: ecclesiastical origins and new digital elaborations

### ABSTRACT

What are the relations between the origins of the expression 'gender ideology' and its contemporary use on Twitter hashtags? From a bibliographic and documentary approach, this study proposed as its general objective to investigate the relations between the original ideas of the expression 'gender ideology' and its contemporary meaning on Twitter hashtags. The goal was to resume the constitution of the 'gender ideology' and then to analyze the imagery content associated with the hashtag #ideologiadegenero used on Twitter between August 28th and 29th. We chose this time frame inspired by the lesbian visibility month. The Gender Studies and the Visual Culture Studies provided the methodological and epistemological support for this proposal, enabling both the expansion of discussions on the expression 'gender ideology' and the knowledge about maintenance and changes in the anti-gender discourse.

**KEYWORDS:** Gender Studies. Visual Culture. Social Media. Gender Ideology.

## #IdeologiaDeGênero [#IdeologiaDeGénero]: orígenes eclesiásticos y nuevas elaboraciones digitales

### RESUMEN

¿Cuáles son las relaciones entre los orígenes de la "ideología de género" y su uso contemporáneo en hashtags en Twitter? Desde un enfoque bibliográfico y documental, este artículo se propuso investigar la relación entre las nociones originales de la expresión "ideología de género" y la aplicación contemporáneo atribuido por los hashtags en Twitter. Su objetivo fuera reanudar la constitución de esa expresión y, posteriormente, se analizaron los contenidos visuales asociados con el hashtag #ideologiadegenero, en Twitter, entre el 28 y el 29 de agosto de 2019. Los Estudios de Género y los Estudios de Cultura Visual proporcionaron apoyo metodológico y epistemológico para la realización de esta investigación, permitiendo la expansión de las discusiones sobre la expresión "ideología de género" y el pensamiento sobre lo constante y las renovaciones en el discurso antigénero.

**PALABRAS CLAVE:** Estudios de Género. Cultura Visual. Redes Sociales. Ideología de género.

## NOTAS

<sup>1</sup>Optamos pela utilização de aspas na expressão “ideologia de gênero” por considerá-la um neologismo.

<sup>2</sup>Santander Cultural cancela exposição 'Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira'. *Extra*: 11 set. 2017. Fabiano Ristow. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/santander-cultural-cancela-exposicao-queermuseu-cartografias-da-diferenca-na-arte-brasileira-21807796.html>>. Acesso em 28 mai. 2020.

<sup>3</sup>Optamos aqui por manter a grafia original encontrada na publicação. No entanto, pontuamos que o uso do sufixo “ismo” se liga historicamente à ideia de patologia.

<sup>4</sup> Sobre nós. Escola Sem Partido: [201?]. Miguel Nagib. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/quem-somos/>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

## REFERÊNCIAS

BALISCEI, João Paulo. **PROVOQUE**: Cultura Visual, Masculinidades e ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BENTO XVI, Papa. **Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20121221\\_auguricurria.pdf](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguricurria.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2019.

CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia. Redes sociais: comunicação e mudança. **JANUS. NET**, n. 1, p. 73-96, 2011.

CENTOFANTI, Sérgio. Santa Sé: ideologia de gênero, passo atrás para a humanidade. **Vatican News**: 22 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-03/auza-genero-onu-humanidade.html>>. Acesso em: 01 set. 2019.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal amoris laetitia do santo padre Francisco aos bispos aos presbíteros e aos diáconos às pessoas consagradas aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos sobre o amor da família**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia\\_po.pdf](http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_po.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2019.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Tradução de Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação. 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, São Paulo, v.19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero"-Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016

NUNES, Luciana Borre. Cultura Visual: travessias, provisoriades e encontros em processos de ensinar e aprender. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da Cultura Visual: aprender...pesquisar...ensinar**. - Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015b, p. 111-132.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O Diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese (Doutorado) Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2017.

O'LEARY, Dale. **A Agenda de Gênero: Redefinindo a Igualdade**. Luisiana: Vital Issues Press, 1997. Disponível em: <<http://acordaterradesantacruz.com.br/wp-content/uploads/2013/03/Agenda-de-Genero-grp.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2019.

PIERI, Bruna de. Governo de Santa Catarina inclui 'Identidade de Gênero' em currículo de educação para crianças e adolescentes. **Terça Livre**: ago. 2019. Disponível em: <<https://www.tercalivre.com.br/governo-de-santa-catarina-inclui-identidade-de-genero-em-curriculo-de-educacao-para-criancas-e-adolescentes/#comments>>. Acesso em: 29 set. 2019.

ARAUJO, Rubenilson Pereira de. **Gênero, diversidade sexual e currículo: práticas discursivas de (não) subjetivação no ambiente escolar**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2016.

SEVERINO, Antônio. Teoria e prática científica. In: SEVERINO, Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2007, p. 99-126.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e Insurgências da Cultura Visual. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. (org). **Educação da Cultura Visual: Conceitos e Contextos**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011, p. 51-68.

**Recebido:** 15/06/2020.

**Aprovado:** 27/07/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n43.12581.

**Como citar:** TORY, Soraya Ayumi; BALISCEI, João Paulo. #IdeologiaDeGênero: origens eclesiais e novas elaborações digitais. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 189-204, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**João Paulo Baliscei**

Rua Quintino Bocaiúva, 935, apto 502, Maringá, Paraná, Brasil

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

